
EDUCAÇÃO MUSEAL EM TEMPOS PANDÊMICOS: O QUE APRENDEMOS?

MUSEUM EDUCATION IN PANDEMIC TIMES WHAT HAVE WE LEARNT?

EDUCACIÓN EN MUSEOS EN TIEMPOS DE PANDEMIA ¿QUÉ HEMOS APRENDIDO?

Milene Chiovatto¹

Gabriela Aidar²

Margarete de Oliveira³

Wilmihara Benevides da Silva Alves dos Santos⁴

Vera Lucia Cardoso Farinha⁵

Submetido em: 13/12/2021 – **Aceito em:** 07/07/2022 – **Publicado em:** 23/09/2022

¹ Graduada em educação em artes pela Faculdade de Comunicações da Universidade Mackenzie, Mestre em Ciências da Comunicação – Sociologia da Arte pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professora de História da Arte na Faculdade de Comunicação da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP); participou da equipe do Núcleo Educação e coordenou os atendimentos educativos da *XXIV Bienal de São Paulo*, entre outras exposições. Foi presidente do Comitê de Educação e Ação Cultural do Conselho Internacional de Museus, CECA-ICOM de 2016 a 2019. Coordena o Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo desde 2002.

² Graduada em História pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em *Estudos de Museus de Arte* pelo Museu de Arte Contemporânea e em *Museologia* pelo Museu de Arqueologia e Etnologia, ambos da USP. Obteve o título de *Master of Arts in Museum Studies* pela Universidade de Leicester, no Reino Unido. Trabalha desde 2002 no Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo onde coordena os Programas Educativos Inclusivos.

³ Assistente de coordenação, docente e educadora do Programa Educativo Públicos Especiais (PEPE) do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo desde 2003. Museóloga com registro no COREM 4R, Mestre em Museologia pela USP, graduada e licenciada em Letras pela USP e Pós-graduada em “Praxis Artísticas e Terapêuticas: Interface da Arte e da Saúde” pela Faculdade de Terapia Ocupacional da FM-USP. Uma das Premiadas do Prêmio Rumos Itaú Cultural, Educação Cultura e Arte 2008/2010 – na área de atuação em Educação não formal. Atuou como educadora no Projeto “Museu e Público Especial” no MAC-USP (1992 a 2002). Atua como Docente do Curso de Pós Graduação em Arte e Reabilitação do Instituto Faces na disciplina Adaptação de Materiais na Arte Reabilitação, e atuou como consultora na área de acessibilidade na Empresa Fubá Educação Ambiental no projeto PIPE FAPESP (Pesquisa Inovadora a Pequenas Empresas).

⁴ Graduada em Ciências Sociais pela UNESP-Marília, Mestre em Ciências Sociais pela mesma universidade, área de concentração Antropologia. Especialista em Sociopsicologia pela FESP-SP. Doutora pelo programa de pós-graduação em Ciências Sociais pela PUC-SP, área de concentração Ciências Políticas. Trabalhou no educativo do Museu da Língua Portuguesa de 2006 a 2014. Em 2015 foi articuladora e educadora do projeto Sala Futura, uma parceria do Museu da Língua Portuguesa com o Canal Futura com o objetivo de mobilização comunitária no bairro Luz e Bom Retiro. Hoje atua como educadora e assistente de coordenação do Programa de Inclusão Sociocultural (PISC) do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo.

⁵ Graduada em Psicologia pela UNIP, Especialista em Arte, Educação e Cultura pela USP. Trabalhou nos educativos das seguintes instituições: Centro Universitário Maria Antônia, 2002, Centro Cultural da FIESP, 2002, Museu de Arte Brasileira da FAAP, 2004 a 2008, Itaú Cultural, 2010, Instituto de Arte Contemporânea, 2011. Desde 2012 atua como Educadora no Programa de Atendimento a Público Escolar e Geral (PAPEG) e nos projetos Pina_Dentro e Fora e Clube dos Professores do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo.

RESUMO

O presente texto reflete sobre os processos de reconstrução e transformação aos quais os educativos de museus estiveram sujeitos durante o período de distanciamento social promovido em combate à pandemia da COVID-19. A partir das experiências desenvolvidas pelo Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo, tecemos reflexões e algumas perspectivas sobre o uso das tecnologias digitais e da educação à distância nos processos de educação museal desenvolvidos na instituição. Entre as questões tratadas, podemos destacar a necessária ruptura de nossos preconceitos em relação ao uso de meios digitais para fins educativos; o potencial de abrangência territorial que esses meios possibilitam e a verificação da exclusão digital que é vivenciada por parte dos educandos com os quais atuamos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação museal. Pandemia. Educação e meios digitais. Museu.

ABSTRACT

The present text reflects on the processes of reconstruction and transformation to which museum educators were subject during the period of social distancing promoted to fight the COVID-19 pandemic. Based on the experiences developed by the Education Department of the Pinacoteca de São Paulo, we reflect on some perspectives about the use of digital technologies and distance learning in the museum education processes developed in this institution. Among the issues addressed, we can highlight the necessary breaking of our preconceptions regarding the use of digital media for educational purposes; the potential of territorial range that these media achieve and the verification of the digital exclusion that is experienced by part of the audience with whom we work.

KEYWORDS: Museum education. Pandemic. Education and digital media. Museum.

RESUMEN

Este texto reflexiona sobre los procesos de reconstrucción y transformación a los que fueron sometidos los educadores de museos durante el período de distanciamiento social promovido en la lucha contra la pandemia del COVID-19. A partir de las experiencias desarrolladas por el Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo, tejemos reflexiones y algunas perspectivas sobre el uso de las tecnologías digitales y la educación a distancia en los procesos de educación museística desarrollados en la institución. Entre los temas abordados, podemos destacar la necesaria ruptura de nuestros prejuicios en relación al uso de los medios digitales con fines educativos; el potencial de cobertura territorial que estos medios posibilitan y la constatación de la exclusión digital que viven los estudiantes con los que trabajamos.

PALABRAS CLAVE: Educación museística. Pandemia. Educación y medios digitales. Museo

INTRODUÇÃO

A situação social e econômica causada pelo distanciamento social proposto como uma das formas de enfrentamento à proliferação do vírus causador da COVID-19 teve grande impacto nos museus, mas sobretudo nos setores educativos das instituições museológicas.

No campo dos museus, o fenômeno da pandemia deixou ainda mais exposta a questão que tantas vezes nomeamos, problematizamos e tentamos visibilizar: a desvalorização das áreas e fazeres educativos dos museus.

Essa situação mundial complexa chegou num momento chave para os profissionais de museus, qual seja, o da renovação da definição de museu pelo Conselho Internacional de Museus – ICOM, em desenvolvimento desde 2017 e ainda sem resolução. A própria discussão sobre a

nova definição de museu e a proposta emitida em 2019 pelo ICOM, antes mesmo da pandemia, já denotavam a necessidade de mantermos a educação como função primordial do museu. Agora essa necessidade se transformou em urgência, sob pena de os museus ficarem ainda mais isolados das comunidades *em que e com as quais* atuam. (CHIOVATTO, 2020)

Tanto no Brasil quanto no exterior, muitas foram as equipes extintas, suspensas ou reduzidas, a partir da percepção institucional de que o educativo atua presencialmente junto ao público e, portanto, na ausência de público, é percebido como temporariamente dispensável.

Entretanto, como os profissionais da educação museal já sabiam e o passar dos meses deixou claro, essa foi uma percepção equivocada e apressada que, ao mesmo tempo em que evidencia a falta de conhecimento (e de reconhecimento) sobre os processos realizados em educação museal, também escancara a fragilidade institucional a que essas equipes sempre estiveram expostas, mesmo em tempos ditos normais. (HARRIS, 2020)

Também não por acaso, em uma pesquisa feita pelo ICOM Brasil com profissionais de museus de todo o país no início da pandemia, os educadores de museus foram os profissionais que mais se declararam "emocionalmente fragilizados", já que conformaram um dos setores mais afetados pela crise sanitária dentro dessas instituições. (ICOM BRASIL, 2020, p. 6)

Como educadores museais, sabemos que, diferentemente das exposições temporárias ou eventos culturais promovidos pelos museus, a continuidade das ações educativas é fundamental se a intenção é criar alguma forma de diálogo ou impacto social. Descontinuar as ações e as equipes implica uma perda não apenas educativa, mas também comunicacional, social e de identidade institucional.

No caso da Pinacoteca, embora tenha havido cortes pontuais na equipe educativa, diminuição de carga horária trabalhada e suspensões temporárias de contratos, a maior parte da equipe permaneceu em atuação durante esses quase dois anos de pandemia e isolamento. Fechado desde março de 2020, o museu reabriu para visitação em outubro do mesmo ano; fechou novamente em março de 2021 e reabriu em maio; e a retomada das visitas educativas presenciais aconteceu em meados de novembro de 2021 para as quais desenvolvemos protocolos sanitários específicos.

Após esses quase dois anos de paraliza o no trabalho educativo presencial, muitos foram os desafios enfrentados e os aprendizados obtidos. Além disso, novas habilidades foram desenvolvidas na equipe como um todo, inclusive na gestão. Elencamos no texto a seguir alguns dos pontos sobre os quais vimos refletindo nesse momento tão at pico de nossa atua o, certas de que há muito ainda a aprender e a repensar.

APRENDIZADOS, DÚVIDAS, POSSÍVEIS SOLUÇÕES E IDEIAS DE DESDOBRAMENTOS

Os anos de 2020 e 2021 se tornaram inesquecíveis. Foram anos marcados pela tensão, o medo e as incertezas trazidos pela epidemia da COVID-19. Marcaram também momentos em que pudemos repensar nossos fazeres, reconhecer nossas limitações e, ao mesmo tempo, enfrentar os novos desafios trazidos pela situação mundial. Esse cenário complexo é ainda mais grave nos países que, como o Brasil, viram ascender grupos políticos francamente excludentes, com ataques à educação e à cultura, que se negaram a cumprir e apoiar os mecanismos de combate à pandemia, mostrando-se abertamente contrários aos necessários processos de equidade social que tanto prezamos e pelos quais trabalhamos.

Nos primeiros momentos após o fechamento dos museus em razão do necessário distanciamento social usado como uma das formas de combate à disseminação do vírus transmissor da COVID-19, foram iniciados uma série de ações utilizando recursos digitais, principalmente as mídias sociais e seus próprios websites. Na maior parte das vezes, essas primeiras ações foram calcadas na difusão de informações já prontas, disponíveis em outros formatos na presencialidade, como textos e imagens de obras e objetos de suas coleções, no afã de substituir o presencial pelo digital de maneira rápida. Entretanto, essas primeiras ações careciam de participatividade e, francamente, de uma abordagem mais adequada tanto aos meios de comunicação digital quanto ao público que deles se servem.

Após esse início de caráter emergencial, as instituições começaram a repensar seus veículos comunicacionais e a desenhar atividades, periodicidades e atuações de feitiço mais programático. Foi dessa forma que muitos museus “caíram” na era digital: por pura necessidade. Embora no caso do Brasil, por exemplo, a internet já estivesse disponível há mais de 25 anos, raros museus utilizavam até então os potenciais das mídias disponíveis para além da divulgação de suas ações. Essa situação era conforme à realidade da maior parte dos setores educativos dessas instituições, em sua maioria notadamente contrários ao uso de tecnologias da informação para intermediar o contato com a coleção ou mesmo para promover a interação com os diferentes públicos.

Essa posição, em geral, era mobilizada por dois fatores primordiais nos processos de educação museal: por um lado, a ausência da experiência museal, que incorpora o contato presencial tanto com o objeto patrimonializado quanto com o próprio espaço do museu, seus sistemas e fluxos; por outro lado, a percepção – um tanto preconceituosa – de que os meios digitais não seriam adequados aos processos participativos e dialógicos nos quais baseamos nossa prática educativa.

Assim, o primeiro aprendizado, desenvolvido “no susto”, foi o de nos despirmos dos preconceitos em relação aos meios digitais e começar a repensá-los como veículos de interação com os públicos. E, embora conscientes de que nada pode substituir o diálogo presencial nem a experiência frente aos objetos, há muito a realizar quando nos apropriamos dos meios digitais e refletimos sobre eles enquanto mecanismos para processos de mediação educativa nos museus.

A partir do momento em que tivemos que utilizar essas mídias, nos demos conta de que não adiantava tentar adaptar os conteúdos das ações presenciais para as digitais. Percebemos que era necessário reconstruir as ações para utilizar esses novos meios, respeitando suas características, seu alcance e seus sistemas. Autores que antes mesmo da emergência da pandemia já trabalhavam com a chamada educação museal on-line preconizam o que a prática nos demonstrou: a interatividade que emerge nesse modelo desafia a tendência unidirecional de comunicação, característica das mídias de massa e dos processos educativos “tradicionais” que insistem numa única versão e emissão da “verdade”, e nos chama para um espaço conversacional que permite a troca de informações, simultânea ou não, entre todos os seus usuários. Dessa maneira, “a liberação do polo de emissão reestrutura a lógica comunicacional de um modelo unilateral (um-todos) para um modelo plural e polifônico (todos-todos).” (MARTI e SANTOS, 2019, p. 52).

Com isto, há uma considerável variedade de possibilidades, como processos síncronos ou assíncronos⁶, em encontros à distância digitais ou presenciais ou, ainda, em situações híbridas, algumas das quais abordaremos quando da apresentação dos exemplos desenvolvidos pelo educativo da Pinacoteca.

Podemos começar mencionando a elaboração de uma série de conteúdos educativos disponibilizados ao visitante presencial da Pinacoteca por meio de códigos QR nas salas de exposição da nova mostra de longa duração da coleção do museu, intitulada *Pinacoteca: Acervo*. O advento da pandemia, no primeiro semestre de 2020, nos encontrou em pleno processo de reelaboração da mostra de longa duração, e assim as novas condições e protocolos de biossegurança nos fizeram também rever e reelaborar a variedade de ações e recursos educativos desenvolvidos para a exposição, inaugurada em outubro daquele ano. A alternativa que se mostrou mais viável em termos sanitários foi a utilização de códigos QR para dar acesso a diversos conteúdos educativos, acessados pelo público a partir de seus celulares.

⁶ Nas comunicações síncronas, os participantes devem estar num estado de sincronia, interagindo ao vivo, no mesmo instante e ambiente, seja ele presencial ou digital. Exemplos de comunicações síncronas são as *lives*. As comunicações assíncronas são aquelas que podem acontecer desconectadas do momento real e/ou atual, não sendo necessária a conexão entre os participantes ao mesmo tempo, o que permite que acessem os conteúdos sem um horário predeterminado. Exemplos delas na educação são as vídeo-aulas gravadas.

Dessa forma, criamos 5 categorias de conteúdo a serem disponibilizados em códigos QR, todos eles vinculados aos temas dos núcleos e às obras de arte expostas em cada uma das 19 salas da exposição. As categorias compreendem trechos de textos críticos e contextuais, perguntas investigativas, elementos que criam conexões interpretativas com o que vemos nas salas – como poemas –, *playlists* com músicas relacionadas às obras e, por fim, códigos voltados à acessibilidade para pessoas com deficiência visual, por meio de audiodescrições de obras selecionadas, e vídeos curtos com leituras de imagens em Libras (Língua Brasileira de Sinais) para pessoas surdas. No total, estão disponibilizados nas salas da mostra 166 conteúdos educativos em algo que podemos considerar como uma ação digital, mas de caráter presencial ao museu, já que os conteúdos estão disponíveis apenas dentro da exposição.

Um ponto que merece destaque é a expansão da abrangência geográfica conseguida pela atuação via meios digitais. Reconstruímos os cursos de formação para o formato digital, em modelo à distância, com conteúdos pré-gravados combinados com discussões síncronas em aulas interativas (*lives*). Esse modelo nos proporcionou atingirmos participantes da região Norte até a região Sul do país, e também tivemos educandos até de fora do Brasil, que dificilmente teriam condições de participar de uma formação presencial, continuada ou pontual, na cidade de São Paulo. Normalmente, nos cursos presenciais, conseguimos alcançar “apenas” educandos do estado de São Paulo ou da capital.

Outro aprendizado obtido nesse processo foi a necessidade de desenvolvermos (bem rapidamente) outras habilidades, como mediar plataformas digitais para melhor orientar os cursantes e possibilitar diálogos usando não apenas câmera e microfone, mas chat em plataformas nem sempre amigáveis ao usuário. Da mesma forma, aprendemos que os meios digitais, saudados por muitos como um *locus* de verdadeira democratização de acesso, escondem, na realidade, mais uma camada das já tantas desigualdades da nossa sociedade. As pessoas que podem contar com equipamentos, ferramentas, conexão digital e acesso remoto para participar de atividades digitais fazem parte de grupos privilegiados, ou seja, as desigualdades sociais se refletem fortemente no acesso aos meios digitais.

Em 2019, uma pesquisa conduzida pelo Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (Cetic.br), vinculado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil, concluiu que um em cada quatro brasileiros não tem acesso à internet. O acesso às tecnologias da informação e da comunicação no país está condicionado pelas diferenças de renda, gênero, raça e região. No que se refere à escolaridade, 97% dos usuários que têm curso superior acessam a rede, ao passo que somente 16% dos analfabetos e crianças usam a internet. No recorte por renda, o nível de acesso foi de 61% entre os que ganham menos de um salário-mínimo e 94% entre os usuários com remuneração acima de 10 salários-mínimos. (JORNAL DO BRASIL, 2020)

Dessa constatação desdobra-se outra questão: como não excluir ainda mais os já excluídos, tanto presencial quanto digitalmente? Como alcançá-los e envolvê-los com ações educativas do museu num momento de isolamento social?

Visando responder ao menos em parte a esse contexto, elaboramos o Pina_portátil, uma caixa com materiais educativos para doação com recursos higienizáveis, contendo inclusive uma garrafa de álcool 70%. Entre nossos parceiros, selecionamos 20 instituições para recebê-las e promover autonomamente ações educativas relacionadas com o museu e suas obras. Para cada perfil de parceiro (escolas públicas de educação fundamental voltadas à população de baixa renda; instituições de longa permanência para idosos; instituições da rede de atenção psicossocial, que atuam com pessoas em situação de sofrimento psíquico; organizações sociais que atuam com a população em situação de rua do entorno do museu) foram elaboradas diferentes versões do Pina_portátil, compostas de encarte com orientações de utilização destinadas ao profissional responsável pelos grupos nas instituições de origem, reproduções de obras de arte da Pinacoteca e materiais plásticos a serem utilizados nas atividades sugeridas. Nosso ponto de partida foi pensar em como poderíamos continuar atuando com nossos parceiros e educandos que não possuíam acesso regular aos meios digitais; ao mesmo tempo, também refletimos sobre como fazê-lo sem nossa ação educativa direta, tendo como mediadores os próprios profissionais das instituições parceiras.



Figura 1. Grupo de mulheres utilizando um recurso educativo do Pina_portátil em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos.

Fonte: acervo das autoras

Assim, além de selecionar imagens de obras que (baseando-nos em nossas práticas pré-pandemia) julgamos mais adequadas a cada perfil de público, também planejamos e

construímos atividades e orientações objetivas que podem ser desenvolvidas pelos educadores sociais e profissionais de saúde ou de atenção psicossocial. As quatro versões das caixas produzidas, portanto, eram diferentes entre si, tendo em comum apenas o conceito pedagógico inicial.

Outro desafio enfrentado foi abarcar toda a equipe educativa nesse momento de transformação. Tivemos de sensibilizar continuamente a gestão do museu, promovendo uma mudança de percepção: do educador que atua “apenas” no momento do diálogo presencial com o público para o educador que é um potencial construtor de conteúdo e estratégias educativas para diferentes públicos por meio de diversos tipos de abordagem à distância. Ao mesmo tempo, no sentido contrário, também tivemos que trabalhar a autopercepção desses mesmos educadores para a distinção entre suas práticas habituais (que contemplam o aspecto dialógico do contato direto com o público) e as possibilidades digitais, aprimorando, por exemplo, a construção de conteúdos escritos em lugar da prática comum de instigações e conteúdos orais no contato com os grupos.

Nesse sentido, tivemos que reforçar diretrizes para redação de textos a serem divulgados em redes comunicacionais de amplo alcance, como Facebook e Instagram, frisando que um roteiro de gravação em vídeo, por exemplo, pressupõe uma outra lógica de abordagem, que não permite o uso de perguntas sem uma prévia contextualização sobre o que será tratado nesses vídeos. Isso muitas vezes difere do processo de uma visita presencial, em que muitos conteúdos se esclarecem na própria dinâmica de mediação. O uso das redes digitais não permite, ainda, que o fluxo do raciocínio e a articulação das informações estejam baseados na interação com o ambiente expositivo percorrido durante a visita educativa.

Outra situação singular era, por exemplo, a dos profissionais que por diferentes motivos tinham dificuldade para ter sua imagem filmada e difundida em vídeo. Além das razões pessoais, é preciso entender que a web, e principalmente as mídias sociais, são cruéis na construção de memes⁷, que podem causar nas gerações mais novas um temor de ter sua imagem pessoal exposta na internet e apropriada para essa função. Para esses casos, desenvolvemos algumas saídas: a construção de roteiros a serem depois apresentados por outros educadores; a utilização apenas de voz, sem a apresentação da imagem pessoal do educador; ou a proposição de

⁷ Meme é um termo derivado da palavra grega que significa “imitação”. O termo é bastante conhecido e utilizado no “mundo da internet”, referindo-se ao fenômeno de “viralização” de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música etc. que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade. O meme pode ser adaptado em formato de vídeo, imagem, frase ou mesmo em hashtags como modo de promover a essência de uma ideia da forma mais rápida. Nos dias atuais, os memes são muito utilizados como paródias de algum acontecimento importante ou para fazer brincadeiras com os amigos, comunicar uma informação privilegiada e sobretudo impulsionar campanhas de marketing. Sua durabilidade e importância dependem das réplicas, assimilações e propagação em massa.

atividades que não envolvessem sua imagem pessoal. Um bom exemplo nesse sentido foi a proposta de “leitura sonoras” para imagens de obras visuais. A partir de nossas opções pedagógicas por achar caminhos para o diálogo, pela ativação da memória individual e coletiva e pela ênfase em mediações mais interpretativas que conteudistas, mesmo em mídias digitais, experimentamos construir pequenas animações que reforçavam o potencial associativo da imagem com sonoridades direta e indiretamente relacionadas à obra de arte. Associando a imagem de um rio com o som da água correndo, da mata com as sonoridades possíveis do lugar representado, ou mesmo de imagens abstratas com extratos sonoros diversos, procuramos potencializar a construção de significados autônomos por parte do público, sendo essa uma de nossas bases educacionais.⁸

A manutenção do caráter dialógico tão caro à educação, principalmente à educação museal baseada em Paulo Freire, John Dewey e George Hein, foi uma preocupação frente à impossibilidade da presença física e do contato direto com o público durante o fechamento do museu e as medidas de isolamento. Dessa forma, foi preciso explorar desde modelos mais tradicionais de ação educativa, como a produção de vídeos que mesclavam perguntas com conteúdos de caráter mais informativo, até ações mais inusitadas, como as citadas acima. Experimentamos assim tanto o desenvolvimento de ações educativas à distância em que éramos o polo emissor unidirecional quanto o de outras em que pudemos assumir uma postura mais dialógica e participativa.

Investimos fortemente na elaboração de roteiros de vídeo, gravações e edições em quatro modelos básicos:

- Videoleituras de imagens: vídeos de no máximo três minutos que apresentam uma única imagem de obra de arte e a partir dela propõem perguntas investigativas ao observador, complementadas com caminhos de observação da imagem. Durante os quase dois anos de isolamento, foram produzidos mais de 70 vídeos desse tipo.⁹
- Videoaulas: nesse modelo, com duração de até 50 minutos, foram produzidos vídeos como parte de cursos específicos de formação para professores e educadores, com temas como: corpo e território (eixos de articulação da nova exposição da coleção do museu, *Pinacoteca: Acervo*, aberta em outubro de 2020); exploração pedagógica da mostra temporária *OSGEMEOS*:

⁸ Para conhecer uma leitura sonora, acesse: <https://youtu.be/x1MptaMQaSw>. Acesso em: outubro 2021.

⁹ Para conhecer um vídeo de leitura de imagem, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=K5o44K9-ido>. Acesso em: outubro 2021.

segredos; exploração pedagógica da exposição de longa duração *Pinacoteca: Acervo*; e outros.¹⁰

- *Videovisitas*: apresentando, em vídeos com duração média de 15 minutos, roteiros de comparação entre obras expostas tanto em exposições temporárias quanto na exposição de longa duração do acervo do museu. O desafio nesse modelo foi organizar protocolos para a presença física dos educadores e da equipe de filmagem e acompanhamento no museu, mesmo durante o isolamento. As *videovisitas* elaboradas para o público escolar e para pessoas com 60 anos ou mais estão com acesso aberto no canal do YouTube da Pinacoteca, mas outras visitas, desenvolvidas para públicos-alvo específicos, foram enviadas apenas aos parceiros, sendo esse o caso das desenvolvidas para pessoas com deficiência intelectual, jovens em situação de vulnerabilidade social ou a população prisional.¹¹

- *Vídeo-oficinas*: voltadas principalmente para famílias e escolas, as *vídeo-oficinas* têm duração média de oito minutos e, além de proporem uma rápida leitura de imagem, desdobram-se para propor atividades práticas simples, buscando utilizar recursos plásticos presentes em qualquer residência.¹²

Além disso, foram reconstruídos e realizados seis cursos de formação para profissionais das áreas de assistência social, saúde, educação inclusiva e cultura por meio das versões à distância dos cursos *Ensino da Arte na Educação Inclusiva*; *Ações multiplicadoras: o museu e a inclusão sociocultural*; e *Idosos e o museu: possibilidades educativas*, voltados respectivamente a profissionais que atuam com pessoas com deficiência, pessoas em situação de vulnerabilidade social e pessoas idosas.

Essas três diferentes formações são realizadas há anos pelo educativo da Pinacoteca, e sua reconstrução a partir da versão presencial para a versão à distância contou com diversas alterações, tais como um redimensionamento dos programas, tornando-os mais enxutos, e sua estruturação por meio do envio de conteúdos digitais prévios para acesso assíncrono por parte dos alunos/as, contando com textos digitalizados e videoaulas de no máximo 50 minutos. Além disso, semanalmente eram realizadas aulas interativas (*lives*) síncronas a fim de discutir os conteúdos acessados previamente. Este modelo se mostrou muito eficaz no que diz respeito à articulação entre conteúdos formais e processos formativos dialógicos por meio das aulas interativas.

¹⁰ Para conhecer uma videoaula, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=S3OMBHGFYCs>. Acesso em: outubro 2021.

¹¹ Para conhecer uma *videovisita* para pessoas com 60 anos ou mais, acesse: <https://youtu.be/8artiNEj8CI>. Acesso em: outubro 2021.

¹² Para conhecer uma *vídeo-oficina* para crianças, elaborada como parte das ações digitais do programa Pinafamília, acesse: <https://youtu.be/pGFzI08YXXA>. Acesso em: outubro 2021.

Em razão do aprendizado ocorrido entre as primeiras versões, em 2020, e as segundas, em 2021, ampliamos o tempo das aulas interativas de 1h30 para 2h e incluímos atividades práticas em quase todas elas, como exercícios reflexivos, expressivos ou interpretativos a serem feitos antes das aulas e discutidos durante as mesmas. Essas mudanças foram feitas a partir das respostas dadas pelos alunos/as à avaliação das primeiras versões dos cursos e à nossa percepção das possibilidades de melhoria. Outra importante alteração foi a inclusão, na segunda versão dos cursos, de uma aula sobre projetos educativos desenvolvidos durante a pandemia, com a qual apresentamos as nossas ações e convidamos os participantes a apresentarem as suas também, de forma a pensarmos coletivamente sobre os desafios e aprendizados da situação. Desses três cursos, o *Ensino da Arte na Educação Inclusiva*, voltado a profissionais que atuam com pessoas com deficiência, exigiu um desdobramento ainda maior, já que, em 2021, tivemos seis alunos/as surdos/as: dois profissionais de museus e quatro professores. Dessa forma, além das adaptações acima indicadas, tornamos toda a formação acessível para surdos/as por meio da inserção de janela de Libras nas videoaulas e da presença de intérprete de Libras durante as aulas interativas.

Grande parte da produção educativa da Pinacoteca durante esses quase dois anos de afastamento da ação presencial está em exibição no canal do YouTube do museu. Isto também implicou a necessidade de criarmos pontes e sistemas para divulgação das ações educativas que utilizavam meios digitais. Que outras formas de visibilidade teríamos sem contar com a divulgação institucional?

No caso da Pinacoteca, não há contas específicas manejadas diretamente pelo educativo nas principais redes sociais e mídias digitais. A presença do museu no Facebook, Instagram, TikTok, LinkedIn, YouTube, Twitter e Spotify é centralizada na área de comunicação da instituição. Some-se a isso o grande volume de exposições temporárias e ações culturais promovidas pelo museu, o que deixa poucas oportunidades para que as ações educativas participem da divulgação maciça feita pela instituição.

Assim, tivemos que criar protocolos e estruturas que propiciassem a divulgação das ações educativas nessas mídias para o público em geral, e não apenas para listas específicas de e-mail educativos – que, aliás, também foram usadas para divulgar as ações. Por meio de reuniões e da criação de um programa de comunicação específico voltado ao educativo, ficou definido pelas análises feitas pela área de Comunicação do museu, que as quartas-feiras seriam dedicadas para a difusão de ações educativas nas diferentes mídias digitais e redes sociais do museu. Para que as divulgações fossem produtivas, vimos a necessidade de esclarecer junto à própria equipe de comunicação as especificidades das ações educativas.

Sem esses acordos, muito provavelmente as produções realizadas teriam menos impacto e reduzida abrangência, mesmo frente às demandas de metas numéricas acordadas junto à

Secretaria da Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, com a qual mantemos um contrato de gestão.

Mas isso não significa que apenas esses meios foram utilizados. Pelo contrário, nos damos conta de que, além da falta de acesso de muitos aos meios digitais, mesmo entre aqueles que contam com esse acesso há preferências em relação a diferentes mecanismos, formatos e estratégias de ação.

Assim, desenvolvemos outras iniciativas além da divulgação de vídeos no YouTube, como, por exemplo, ações educativas via WhatsApp, uso de plataformas síncronas como Zoom, Google Meet e Microsoft Teams e uso de recursos educativos físicos via empréstimo ou processo de doação, entre outras. Detalharemos a seguir algumas dessas iniciativas.

O uso do WhatsApp para mediações educativas respondeu ao fato de esse aplicativo ser um dos recursos comunicacionais mais utilizados no país, de amplo acesso. Ainda de acordo com a pesquisa feita em 2019 pelo Cetic.br, os smartphones e outros aparelhos móveis são as ferramentas mais utilizadas pela população para se conectar à internet (99%). Isto impacta inclusive a qualidade dos acessos, uma vez que essa modalidade possui quantidade limitada de dados, o que restringe o uso dos serviços e o acesso digital. O levantamento indica que os recursos de comunicação mais utilizados no país são o envio de mensagens por WhatsApp, Skype ou Facebook Messenger (92%). (JORNAL DO BRASIL, 2020)

Nossa experiência inicial com o WhatsApp foi com idosos/as. Surpreendentemente, descobrimos que esse grupo estava bastante familiarizado com o uso do recurso, não precisando de nenhum conhecimento extra para acessar o conteúdo, o que não é o caso das crianças, por exemplo. Trabalhamos quinzenalmente com encontros síncronos com um grupo de 15 idosos e idosas, por meio do compartilhamento de imagens contextuais do museu e reproduções de obras de arte da coleção, acompanhadas de mensagens de áudio e texto e de uma intensa participação e interação dos educandos.



Figura 2. Captura de tela de celular de atividade educativa no WhatsApp – apresentação da Pinacoteca.

Fonte: acervo das autoras

Essa ferramenta também foi utilizada com um grupo de mulheres em situação de violência, frequentadoras de um serviço de assistência social parceiro de um de nossos programas inclusivos. Nesse contexto, demos ênfase à produção de artistas mulheres presentes no acervo da Pinacoteca e à discussão sobre questões ligadas à vida das mulheres em geral, relacionando-as com as mulheres do grupo.

Por meio dessa ferramenta, revivemos com ambos os grupos a potencialidade insubstituível do diálogo para as mediações educativas e descobrimos a possibilidade de um engajamento simultâneo mesmo à distância, no qual os participantes interagem com seus universos domésticos e os estímulos promovidos pelas obras e discussões apresentadas pelos educadores do museu. Foi o que ocorreu, por exemplo, quando os idosos e idosas foram convidados a construir, fotografarem e comentarem suas próprias naturezas-mortas a partir de uma pintura pertencente ao acervo do museu.



Figura 3. Captura de tela de celular de atividade educativa no WhatsApp.

Fonte: acervo das autoras

Esse duro período de nossa história certamente ficará marcado em nossa memória e impactará nossas construções futuras. Um exemplo claro desse impacto se vê no fato de estarmos modelando as propostas e projetos para 2022 tendo em conta a necessidade de, por um lado, retomarmos as ações presenciais, mesmo com o uso de protocolos sanitários e de distanciamento; e, por outro, a de não abandonar o que construímos nesses quase dois anos, tendo já compreendido as melhores periodicidades, dinâmicas e modelos para dar continuidade à produção e à interação digitais. O desafio para o futuro consiste em equilibrar nossas atuações nessas duas frentes, pensando inclusive em modelos híbridos, e desbravar cada vez mais as especificidades da educação à distância e da educação em meios digitais. A seguir, descrevemos e analisamos de forma mais detalhada exemplos selecionados das ações desenvolvidas.

NÃO HÁ CAMINHO, SE FAZ CAMINHO AO CAMINHAR 13

Além dos cursos já mencionados, o primeiro exemplo que detalharemos para reflexão será o desenvolvimento, nesses dois anos, do projeto chamado Clube dos Professores. Antes do advento da pandemia, o Clube se caracterizava como um grupo de estudos fechado e continuado, no qual são disponibilizadas cinquenta vagas para professores que atuam em instituições públicas ou privadas de diversos níveis de ensino. Os encontros do Clube são focados em refletir sobre a prática pedagógica com a arte, a cultura e o patrimônio na educação formal; propiciar aos profissionais de ensino associados uma melhor compreensão e utilização dos potenciais educativos do museu; criar grupos de estudo que tenham como focos a pesquisa, a discussão e o desenvolvimento de textos, atividades e materiais de apoio e o incentivo ao protagonismo do professor na criação de sua ação pedagógica; criar parceiras para que o ensino seja também dado *pela arte e com a arte*, usando para isso o espaço do museu, a escola, a sala de aula e a própria vida.

A cada ano, um ou mais temas são escolhidos pelos professores em conjunto com a coordenação do Clube para serem a linha mestra das propostas que serão desenvolvidas durante o ano seguinte. Para 2020, inicialmente o tema escolhido era “Processos do cotidiano e urbanidade”, que chegou a ser tratado no primeiro encontro presencial realizado em fevereiro daquele ano. A partir de março, em função das necessárias medidas sanitárias para o controle da pandemia, uma questão se impôs: como continuar a desenvolver o trabalho com os professores nesse contexto?

Já de saída, sabíamos que teríamos que utilizar os meios digitais se quiséssemos continuar o trabalho, pois não havia possibilidade de realizar encontros presenciais. Frente às mudanças e levando em consideração os inúmeros desafios que estávamos enfrentando, apresentamos aos professores, via e-mail, uma proposta de mudança na configuração e quantidade dos encontros e aumentamos o número de vagas de participantes de 50 para 60: 50 do grupo inicial e mais 10 vagas para atender a outros professores que, em lista de espera para participar do Clube em sua versão presencial, poderiam ser atendidos virtualmente. Sugerimos também outro tema para nossos encontros: “Museus, escolas e tecnologia: ganhos e perdas da adaptação de conteúdos aos meios digitais”. Para alimentar nossas discussões, selecionamos dois textos: *De zoom em zoom viramos zumbis que falam para outros zumbis*, de Marcelo Coelho, e *O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula*, de Marc Prensky, que exploram diferentes pontos de vista sobre a relação entre educação e meios virtuais.¹⁴

¹³ MACHADO, Antonio. **Poesías completas**. 14ª ed. Madri: Espasa-Calpe, 1973, p. 158. “Proverbios y cantares”.

¹⁴ COELHO, Marcelo. De zoom em zoom viramos zumbis que falam para outros zumbis. **Folha de São Paulo**, 28 jul. 2020. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelocoelho/2020/07/de-zoom-em-zoom-viramos->

A partir deles, apresentamos questões para que os professores refletissem sobre pontos destacados dos textos, relacionando sua percepção sobre o que estavam vivendo ao modo como essa nova realidade estava afetando suas práticas em sala de aula. Dois assuntos se destacaram nesse levantamento: a percepção do aprofundamento das desigualdades sociais e a importância da empatia – ou, no caso, suas percepções sobre a falta dela nas relações entre os próprios professores e deles com os pais, alunos e instituições. Esses foram os assuntos tratados na *live* de encerramento do Clube dos Professores em sua versão 2020. Nela, os professores também trouxeram sua opinião a respeito das transformações realizadas na estrutura do projeto para esse momento em particular, e aferimos que a mudança de temática os ajudou a refletir sobre o que estavam passando e como se sentiram acolhidos em suas necessidades pelo projeto.

Para a segunda edição on-line do Clube, partimos das sugestões dos professores, coletadas tanto durante a *live* quanto na avaliação formal, e das nossas percepções sobre essa primeira experiência. Assim, para o ano de 2021, dividimos os encontros para tratar de dois temas que se faziam prementes: “Educação e meios digitais + Arte e saúde mental”.

Para essa edição, ampliamos a quantidade de encontros e propusemos que os professores trabalhassem em grupos, atendendo à solicitação, feita por eles em muitas avaliações, por mais contato entre os participantes do Clube. Novamente escolhemos um texto para alicerçar nossas reflexões: *Princípios da educação on-line: para sua aula não ficar massiva nem maçante*, de Mariano Pimentel e Felipe Carvalho.¹⁵ O texto trata de diversos conceitos referentes ao que caracteriza a educação on-line.

Propusemos, ainda, uma atividade em que os professores, a partir de um conjunto de imagens do acervo da Pinacoteca, eram convidados a selecionar de três a quatro imagens para uma exposição imaginária, criar uma curadoria educativa e, por fim, criar uma situação de aprendizagem a partir da exposição.

Para o segundo tema, “Arte e saúde mental”, escolhemos como material para apoiar nossas reflexões na videoaula temática o vídeo *As possibilidades de respiro promovidas pela arte*, apresentado dentro do seminário “Arte e Sanidade” realizado pelo Itaú Cultural.¹⁶ Nesse módulo, propusemos uma atividade de caráter mais poético na qual, a partir da vídeo-oficina sobre a obra do artista contemporâneo brasileiro Randolpho Lamonier, os professores foram

[zumbis.shtml](#). Acesso em: outubro 2021. PRENSKY, Marc. O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula. **Revista Conjectura Filosofia e Educação**, mai./ago. 2010. Acesso em: outubro 2021.

¹⁵ PIMENTEL, Mariano; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. Princípios da Educação Online: para sua aula não ficar massiva nem maçante! **SBC Horizontes**, maio 2020. <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/05/principios-educacao-online/> Acesso em: outubro 2021.

¹⁶ ITAUCULTURAL. *As possibilidades de respiro promovidas pela arte*. Itaú Cultural, 16 a 18 de março de 2020. Disponível em: [Arte e sanidade: Seminário arte como respiro debate um ano de pandemia | Itaú Cultural \(itaucultural.org.br\)](#). Acesso em: outubro 2021.

convidados a criar um estandarte com sonhos e desejos para o próximo ano, tornando vivencial a relação entre arte e saúde mental.

Para encerrar as atividades da segunda versão digital do Clube dos Professores, além de aplicarmos uma avaliação via Google Forms, propusemos uma última *live* para uma devolutiva sobre as atividades realizadas pelos grupos. Essas experiências nos ensinaram muito e geraram a oportunidade de uma cocriação desse processo de aprendizagem junto com os professores participantes.

Outro exemplo que apresentamos para reflexão foi desenvolvido pelo Programa de Inclusão Sociocultural (PISC). Esse é um dos programas educativos inclusivos da Pinacoteca e tem como objetivo promover o acesso qualificado aos bens culturais presentes no museu a grupos em situação de vulnerabilidade social, com pouco ou nenhum contato com instituições oficiais da cultura. Entre outras, este programa tem uma longa parceria educativa com a Gerência de Arte e Cultura (GAC) da Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA).¹⁷ Desde 2005, essa parceria possibilitou a jovens e profissionais de diferentes cidades do Estado de São Paulo experimentar a visita educativa à Pinacoteca de São Paulo. Se em 2020 não pudemos desenvolver ações junto a eles, em agosto de 2021 a parceria foi retomada por meio do que chamamos Percursos Educativos On-line.

Os Percursos Educativos On-line propõem, por meio da plataforma Microsoft Teams, o encontro entre educadores do PISC e jovens que estão em unidades da Fundação Casa para realizarem a leitura de imagens a partir de obras do acervo da Pinacoteca expostas em fotografias de alta resolução na sala virtual.

Entre os meses de agosto e outubro trabalhamos com 24 unidades da Fundação Casa, dos municípios de São José do Rio Preto, Presidente Bernardes, Diadema, Mongaguá, Limeira, Piracicaba, Franca, Sertãozinho, São Carlos, Campinas, Marília, Lins, Bauru, Iaras, Cerqueira Cesar, Botucatu, Caraguatatuba, Atibaia, Jacareí, Araçatuba e Mirassol, além da própria cidade de São Paulo, totalizando 147 jovens envolvidos nas atividades. Muitas dessas unidades estão localizadas em regiões distantes da capital, o que dificulta o acesso dos jovens a visitas presenciais à Pinacoteca, situação que nos faz considerar manter os encontros educativos on-line mesmo com o retorno das ações educativas presenciais para esse público.

¹⁷ A Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo para Adolescentes (CASA), uma instituição ligada à Secretaria de Estado da Justiça e Defesa da Cidadania, aplica medidas socioeducativas a jovens entre os 12 e 21 anos de idade em todo o estado de São Paulo. As medidas socioeducativas incluem privação de liberdade (internamento) e semiliberdade. As medidas – determinadas pelo Poder Judiciário – são aplicadas de acordo com a lei da infração e a idade dos adolescentes. Existem atualmente 119 centros de detenção de jovens em todo o estado de São Paulo. Ver: <https://fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/a-fundacao-casa/>. Acesso em: setembro 2021.

Os processos de leitura realizados valorizam aspectos interpretativos que tomam como base os repertórios pessoais dos educandos, para estimular habilidades de comunicação, expressão e sociabilização. Nestes encontros virtuais, é fundamental que os jovens percebam que os conteúdos explorados podem ter repercussões práticas em sua vida presente e futura.

Foram elaborados quatro percursos educativos, com os seguintes temas: “As cidades e suas transformações”; “Momentos de lazer e encontros”; “Ideias em disputa”, no qual abordamos os diferentes imaginários sobre as pessoas e os lugares; e o último, que intitulamos “Em que somos iguais e quais nossas diferenças?” e no qual discutimos sobre as diferenças sociais e raciais.



Figura 4. *Meninos*, 1941, Tomás Santa Rosa, óleo sobre tela, 31,2 x 39,3 cm.
Fonte: Acervo da Pinacoteca de São Paulo

Na leitura da obra *Meninos*, de Tomás Santa Rosa (1941), abordada no percurso sobre momentos de lazer e encontros, por exemplo, os jovens revelaram como já utilizaram um estilingue e falaram sobre a relação com os irmãos mais novos e/ou mais velhos e sobre os espaços de lazer que tiveram. Comentaram sobre o trabalho precoce e o conseqüente abandono dos estudos, bem como sobre uma cultura em que os brinquedos estão sendo facilmente trocados por celulares. Esse percurso educativo se concluiu com reflexões sobre as diferentes experiências de infância e sobre o direito de brincar consignado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

No final de cada percurso de leitura de imagem, é sugerida ao educador de referência da unidade a possibilidade de aplicar uma atividade prática, reflexiva ou plástica para os educandos e

educandas que participaram dos encontros (*lives*), o que permite dar continuidade ao processo educativo.

Nosso exemplo final para reflexão trata das ações voltadas para a inclusão de pessoas com deficiências físicas e sensoriais. Esses indivíduos se viram particularmente fragilizados com as restrições e o distanciamento promovidos pelas condições sanitárias da pandemia. Nesse contexto, a possibilidade de acesso por meio do uso de recursos multissensoriais, como materiais táteis, foi impossibilitada pelo risco de contágio devido ao seu manuseio compartilhado.

Num primeiro momento, as ações voltadas para os públicos com deficiência ou em situação de sofrimento psíquico visaram manter os vínculos com nossos parceiros, principalmente aqueles que se sentiram mais fragilizados diante do turbilhão de emoções e medos, como os grupos em situação de sofrimento psíquico oriundos dos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) e CAISM (Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental), bem como as pessoas com comprometimentos sensoriais ou em situação de mobilidade reduzida usuárias da AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente) de São Paulo.

Assim, para esses parceiros, elaboramos uma versão da caixa Pina_portátil anteriormente mencionada, tendo como foco abordagens educativas que, com base em reproduções de obras de arte, propusessem atividades plásticas e poéticas que promovessem a interpretação criativa a partir de obras do acervo da Pinacoteca em conexão com temas de interesse dos/as educandos/as, tais como a relação com a cidade e com as identidades e sentimentos pessoais no contexto da pandemia. A título de exemplo dos materiais que compuseram o Pina_portátil para pessoas em situação de sofrimento psíquico, temos: um encarte com orientações de utilização para os profissionais parceiros, contendo uma apresentação da Pinacoteca e de seu histórico; orientações sobre a leitura de imagem das reproduções das obras de arte; sugestões de propostas poéticas (atividades práticas ou plásticas); nove reproduções de obras de arte da coleção da Pinacoteca plastificadas, em tamanho A4; os materiais plásticos indicados nas sugestões de atividades; e uma embalagem de álcool 70%.

Após alguns meses de uso do material, enviamos aos parceiros uma avaliação on-line que nos permitisse perceber alguns de seus impactos. Entre as respostas dos profissionais parceiros para a questão “o material Pina_portátil foi útil para a sua prática profissional? Por quê?” tivemos: “Muito útil, pois ampliou nossa possibilidade de intervenções em um período tão duro”; “Sim, pois o contato com a arte promove a saúde mental e é bastante enriquecedor.”

Também elaboramos algumas ações digitais para públicos-alvo específicos, como pessoas com deficiência visual, tais como uma série de podcasts com audiodescrições de obras de arte selecionadas da exposição *Pinacoteca: Acervo*, com episódios mensais desde maio deste ano.

Os podcasts estão disponíveis nas plataformas Spotify, SoundCloud e Anchor.¹⁸ Com revisões de conteúdo feitas por um consultor com deficiência visual, os podcasts nos permitiram seguir atuando com o público não vidente à distância e sem a necessidade de usar e compartilhar recursos táteis multissensoriais. Esses podcasts foram acessados em cinco diferentes países, o que nos demonstra seu alcance.

Para o público surdo, contamos com as propostas da educadora surda que faz parte da equipe do educativo do museu para a elaboração de conteúdo videográfico e produzimos vídeos de até cinco minutos com leituras de imagens de obras de arte expostas na mostra de longa duração do acervo. Esse recurso inclusivo foi disponibilizado por meio de códigos QR instalados nas paredes de cada sala expositiva, conforme mencionado anteriormente.

Também desenvolvemos dois vídeos de contação de histórias em Libras, um para o público adulto e outro para crianças, disponibilizados no canal de YouTube da Pinacoteca.¹⁹ Como em sua versão presencial, a proposta dessa ação é promover a aproximação entre a cultura surda e a ouvinte com uma atividade voltada a ambos os públicos, em que a Língua Brasileira dos Sinais (Libras) é a primeira língua e o português, a segunda.

Ainda em 2020, algumas escolas bilíngues para surdos parceiras nos demandaram conteúdos e atividades para suas aulas remotas. Em resposta a essa solicitação, elaboramos uma série de apresentações digitais com vídeos de leitura de imagens de obras do acervo em Libras e sugestões de atividades plásticas e outras práticas a serem conduzidas pelos professores/as autonomamente com suas turmas, em aulas remotas ou não. Mais recentemente, a partir de setembro de 2021, iniciamos uma parceria com a EMEBS (Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos) Neusa Bassetto para a realização de uma série de encontros educativos on-line promovidos com diferentes turmas da escola, concebidos pela educadora surda do museu em parceria com um professor surdo da escola.

NOVOS E ANTIGOS CAMINHOS

Os exemplos apresentados acima demonstram a nossa preocupação em manter, por meio da variedade de ações e do atendimento educativo qualificado em diferentes mídias, o contato e o engajamento com os públicos junto aos quais atuávamos, mas também apontam para a necessidade de mantermos presentes as bases conceituais de nossa prática, tais como buscar

¹⁸ Para conhecer as audiodescrições, acesse: <https://open.spotify.com/show/6rhTujlRifQF319PXqhBwb>; <https://anchor.fm/pinacoteca-de-so-paulo/episodes/Ouvir-pra-ver-1---Antropofagia-e-Mestio-e-11gmgt>; <https://soundcloud.com/pinacoteca-de-sao-paulo/ouvir-pra-ver-6-caipira-picando-fumo-e-sem-titulo-da-serie-para-tampar-o-sol-de-seus-olhos>. Acesso: outubro 2021.

¹⁹ Para conhecer os vídeos de contação de histórias em Libras, acesse: <https://youtu.be/AJAa4r3sQRw> e <https://youtu.be/Dm0FK7SDD-s>. Acesso em: outubro 2021.

formas de diálogo, ainda que não presencialmente; compreender como nos aproximar de grupos sem condições de acesso digital; construir espaços receptivos de troca de experiências (mesmo que digitais) para melhorar nossas práticas; e, por fim, refletir sobre as ações desenvolvidas e transformá-las rapidamente para melhorar e aprofundar as relações estabelecidas, a fim de continuar promovendo e apostando no potencial da arte e da educação como veículos do contato e do crescimento humanos.

Entre as aprendizagens que tivemos, a potencialidade da utilização dos recursos digitais nas práticas educativas foi, sem dúvida, a maior delas, possibilitando compreendermos sua abrangência ao adentrarmos, por exemplo, as unidades distantes da Fundação Casa, nas quais não poderíamos atuar presencialmente, ou ao vermos a agilidade de idosos no uso do WhatsApp e seus usos como ferramenta de educação.

Neste momento, com a retomada das ações educativas presenciais, entendemos o grande potencial e alcance das mídias digitais, mas também estamos cientes de suas limitações, de modo que podemos avançar rumo a um maior aprofundamento, tendo-as – agora – como aliadas. Assim, os programas, projetos e ações propostos para o ano de 2022 incorporam algumas das práticas digitais como parte de nosso fazer cotidiano na busca por alargar as experiências da educação museal e o contato com o museu e a arte.

Outro aspecto que não se relaciona apenas com as ações digitais e à distância realizadas durante o isolamento tem a ver com a consciência, advinda da experiência do longo isolamento social, do papel da sociabilidade, não apenas como um aspecto importante da vida social, mas como algo central para o nosso bem-estar, subjetividade e saúde.

Isso nos colocou não somente o desafio de construir espaços e oportunidades de sociabilidade de maneira remota com nossos educandos nos meses anteriores, mas também o de reforçarmos esse aspecto na retomada de nossas ações presenciais. As instituições culturais se apresentam como espaços potenciais para a sociabilização e a convivência com a diferença, ou para que pessoas diferentes possam não apenas compartilhar experiências, mas fazê-lo em situação de igualdade.

Além disso, vale a pena traçar um paralelo entre a experiência da prática e do acesso cultural, de um lado, e a produção de estados de saúde, de outro. Essa relação encontra respaldo num conceito alternativo de saúde que a compreende como ações que não se resumem à manutenção da vida biológica, mas se estendem à produção de uma vida qualificada por meio da criação de sentidos, de convivência, de experiências de solidariedade e afetividade.

A experiência educativa dentro dos espaços culturais, por exemplo, colabora poderosamente para mobilizar as capacidades de sociabilidade, de trocas e aprendizados coletivos, do exercício da sensibilidade e da interpretação, do estímulo ao diálogo e do pensamento crítico e criativo. Além disso, é possível perceber no cotidiano das ações educativas nos museus o quanto tais

experiências são, ainda, geradoras de bem-estar psicológico. (AIDAR, 2020) E outro aprendizado que a vivência da pandemia nos possibilitou, ainda que duramente, foi o de não menosprezar a importância da saúde mental para nossa experiência de vida.

A pesquisa, já mencionada, feita pelo ICOM Brasil (ICOM BRASIL, 2020) no início da pandemia nos oferece ainda dados preciosos no que diz respeito às expectativas dos visitantes com respeito aos museus. Uma das perguntas feita aos visitantes que se dispuseram a participar da investigação (cerca de 3.000 pessoas) os questionava sobre suas expectativas para os museus do futuro pós-pandêmico. As palavras mais indicadas pelos participantes foram: acessível, aberto, digital, interativo, inclusivo e inspirador, seguidas por atraente, democrático, diferente, dinâmico, diverso, experimental, híbrido, integrado, igual, popular, presencial, revolucionário, tecnológico, virtual e vivo. Em outras palavras, as expectativas em relação aos museus são muito variadas, mas em grande parte convergem para um desejo de instituições mais abertas, socialmente permeáveis e comprometidas.

Conforme indica o sumário dessa pesquisa, ainda no que se refere às ideias e sugestões dos respondentes sobre o futuro dos museus, alguns temas estiveram presentes de maneira mais marcante, como as ações digitais e educativas, seguidas de ações para ampliar a acessibilidade das instituições, assim como para melhorar sua relação com as comunidades do entorno e ampliar seu papel social. (ICOM BRASIL, 2020, pp. 13-14)

A pandemia, afinal, representou para a equipe um enorme desafio de repensar não apenas nossas ações, mas novos potenciais individuais e mesmo formas de aproximação aos diferentes públicos. Esse período pode ter gerado, ainda, uma brecha de oportunidades para que os museus repensem seu papel social e suas prioridades, valorizando algumas de suas vocações fundamentais, com as quais a educação museal se vê intrinsecamente vinculada: o desenvolvimento humano e o compromisso com as demandas sociais.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Gabriela. Um mundo comum entre pessoas diferentes é possível? **Revista Museu**, mai. 2020.

Disponível em: <https://revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020/8541-um-mundo-comum-entre-pessoas-diferentes-e-possivel.html>. Acesso em: outubro 2021.

CHIOVATTO, Milene. In Defense of Museum Education. **ICOFOM Studies Series**, vol. 48, no. 2 (2020): Defining the Museum: Challenges and Compromises of the 21st Century.

HARRIS, Garret. Wave of museum educator redundancies worldwide sparks open letter. **The Art Newspaper**, April 23, 2020.

Disponível em: <https://www.theartnewspaper.com/2020/04/23/wave-of-museum-educator-redundancies-worldwide-sparks-open-letter>. Acesso em: outubro 2021.



ICOM BRASIL. **Dados para navegar em meio às incertezas. Resultados da pesquisa com profissionais e públicos de museus – Sumário executivo.** São Paulo: Icom Brasil, 2020.

Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2020/11/20201120_Tomara_ICOM_SumarioExecutivo_FINAL.pdf.

Acesso em: outubro 2021.

JORNAL DO BRASIL. Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa. 26 mai. 2020.

Disponível em: https://www.jb.com.br/ciencia_e_tec/2020/05/1023949-brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet--aponta-pesquisa.html. Acesso em: outubro 2021.

MARTI, Frieda; SANTOS, Edméa. O. Educação Museal Online: a Educação Museal na/com a Cibercultura. **ReDoc – Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 2. (2019) – UERJ, pp. 41-66.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.